



Anais da Assembléia

N.95

CURITIBA, QUARTA-FEIRA, 09 DE SETEMBRO DE 1987

ANO XIII

1.^a SESSÃO LEGISLATIVA DA 11.^a LEGISLATURA
ATA DA SESSÃO SOLENE DESTINADA A
ENTREGA DO TÍTULO DE
CIDADÃO HONORÁRIO DO PARANÁ, AO SENHOR
DOUTOR WALMOR MACARINI
REALIZADA EM 09 DE SETEMBRO DE 1.987
QUARTA-FEIRA

Presidência do Sr. Deputado Anibal Khury, secretariada pelos Srs. Deputados Lindolfo Júnior e Vera Agibert.

As quinze horas é registrada a presença dos seguintes Srs. Deputados: Antônio Annibelli, Eduardo Baggio, Ferrari Júnior, Anibal Khury, Lindolfo Júnior, Vera Agibert, José Alves, Acyr Mezzadri, Alexandre Ceranto, Algaci Túlio, Amélia Hruschka, Antônio Bárbara, Antônio Belinati, Antônio Costenaro Neto, Artagão Mattos Leão, Basílio Zanusso, Caíto Quintana, Cândido Bastos, David Cheriegate, Dirceu Manfrinato, Djalma de Almeida César, Domingos Scarpellini, Edmar Luiz Costa, Erondy Silvério, Ezequias Losso, Gernote Kirinus, Haroldo Rodrigues Ferreira, Hermas Brandão, Homero Oguido, Irondi Pugliesi, João Arruda, José Afonso Júnior, José Felinto, José Rogério Carvalho, Lauro Lobo Alcântara, Luiz Alberto Oliveira, Luiz Antônio Setti, Luiz Carlos Alborghetti, Nelson Vasconcellos, Nereu Carlos Massignan, Nestor Baptista, Nilton Barbosa, Orlando Pestuti, Paulino José Delazeri, Paulo Furiatti, Pedro Tonelli, Pirajá Ferreira, Quilse Crisóstomo, Rafael Greca, Raul Lopes, Sabino Campos, Tadeu Lúcio Machado, Valderi Mendes Vilela e Werner Wanderer, presentes ainda inúmeras autoridades civis e demais convidados.

O SR. PRESIDENTE - (Anibal Khury) Sob a proteção de Deus, declaro aberta a

SESSÃO SOLENE,

de entrega do Título de Cidadão Honorário do Paraná, ao Sr. jornalista Walmor Macarini.

Para recepcionar o Ilustríssimo Sr. Ascênio Garcia Lopes, DD. Representante do Sr. Governador do Estado e o nosso homenageado, designo uma Comissão integrada pelos Srs. Deputados Luiz Carlos Alborghetti, Artagão Mattos Leão, Basílio Zanusso, Valderi Mendes Vilela e Tadeu Lúcio Machado.

Suspendo a sessão por alguns instantes, até a chegada de Suas Excelências.

O SR. PRESIDENTE - (Anibal Khury) Está

reaberta a sessão.

A Mesa da Assembléia tem a honra de convidar para fazer parte dessa direção dos trabalhos, o jornalista João Milanez, fundador da Folha de Londrina.

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE - (Anibal Khury) O jornalista João Milanez é também nosso Cidadão Honorário do Paraná.

Esta Presidência tem a satisfação de anunciar a composição da Mesa:

Excelentíssimo Sr. Ascênio Garcia Lopes, Secretário Especial do Ensino Superior, representando o Sr. Governador do Estado.

Excelentíssimo Sr. Walmor Macarini, Cidadão Honorário do Paraná.

Excelentíssimo Sr. jornalista João Milanez, Cidadão Honorário do Paraná.

Excelentíssimo Sr. Roberto Requião de Mello e Silva, Prefeito Municipal de Curitiba.

Excelentíssimo Sr. Juiz Edmar Cordeiro Machado, Presidente do Tribunal de Alçada do Estado do Paraná.

Excelentíssimo Sr. Deputado Lindolfo Júnior, Primeiro Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná.

Excelentíssima Sra. Deputada Vera Agibert, Segunda Secretária da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná.

Convido os presentes a ouvirem o Hino Nacional, executado pela Banda de Música da Polícia Militar do Estado.

(É executado o Hino Nacional)

(Palmas)

Solicito ao Sr. Primeiro Secretário que proceda à leitura dos termos do Diploma de Cidadão Honorário do Paraná.

O SR. 1.º SECRETÁRIO - (Lê):

"República Federativa do Brasil
Título de Cidadania Honorária

Os Poderes constituídos do Estado do Paraná, no uso de suas atribuições legais, e de conformidade com a Lei n. 8.500, sancionada em 30 de junho de 1987, conferem ao Sr. jornalista WALMOR MACARINI, o título de Cidadão Honorário do Paraná, para o que mandaram expedir o presente Diploma.

Curitiba, 09 de setembro de 1987.

(aa) ÁLVARO DIAS - Governador do Estado
ANTÔNIO ANNIBELLI - Presidente da
Assembléia Legislativa

Des. MÁRIO LOPES DOS SANTOS - Presidente do Tribunal de Justiça."

O SR. PRESIDENTE - (Anibal Khury) Tenho a

satisfação de convidar Sua Excelência o Sr. Ascêncio Garcia Lopes, DD. Representante de Sua Excelência o Sr. Governador do Estado, para que faça a entrega do Título de Cidadania do Paraná, ao jornalista Walmor Macarini.

(É feita a entrega do Título)
(Palmas)

O SR. PRESIDENTE - (Anibal Khury) Concedo a palavra ao Sr. Deputado Antônio Belinati, para saudar o homenageado, em nome do Poder Legislativo.

O SR. ANTÔNIO BELINATI - Sr. Presidente, comunicamos que falará em nosso nome, o ilustre Deputado Rafael Greca.

O SR. PRESIDENTE - (Anibal Khury) Concedo a palavra, ao Sr. Deputado Rafael Greca.

O SR. RAFAEL GRECA - Sr. Presidente, Sr. Representante do Governador do Estado do Paraná, Sr. Representante do Egrégio Poder Judiciário, Sr. Prefeito da nossa cidade de Curitiba, Srs. Deputados, Sra. Deputada Vera Agibert, nosso homenageado e bom amigo Walmor Macarini, meus Senhores e minhas Senhoras.

O que pode pretender um homem que sai em meio às nuvens de pó vermelho a fazer funcionar um automóvel de rodas suspensas, numa noite muito escura?

O que pode pretender um homem que sai a fazer acionar as rotativas de uma "engenhoca" estranha no meio das nuvens de pó vermelho, na noite do pioneirismo?

Este homem, no Norte do Paraná, ao tempo da sementeira dos primeiros cafezais, não resistiu aos esforços, não resistiu à tentação de se fazer valer de uma "engenhoca", porque não quis permitir que a carência de energia elétrica impedisse o seu esforço de levar a liberdade, por mais um dia, em notícia, adiante!

É que, acoplada às rodas desse automóvel, que rodava sem sair do lugar, uma enorme polia movimentava a impressora que faria rodar o jornal; e este sim, viajaria de mão em mão, de povoado em povoado, levando notícias e idéias aos milhares de pioneiros que plantavam café, e viam nascer cidades!

O homem que estamos acolhendo hoje, os que somos paranaenses, homenageando-o com o título de Cidadão Honorário do Paraná, já foi obrigado a dirigir automóvel parado para fazer andar a sede de liberdade que um jornal desperta nas pessoas.

Ele acendeu luzes, faróis, contra uma outra cerração, diversa da que estamos habituados, os que somos curitibanos e vivemos neste planalto frio; acendeu luzes de liberdade entre as nuvens de poeira da terra vermelha do Paraná Pioneiro, dos

idos dos anos 50 e 60, este Paraná Pioneiro deste Norte, de gente vinda de todas as partes, de São Paulo, de Minas Gerais, da Bahia e das terras de além-mar, este pedaço do mapa do Estado de todos nós, que é forjado a machado e à enxada, que fez desaparecer, bem depressa, com sede de progresso, a floresta do Rio Paraná, e que nasceu numa realidade pujante ainda por cima dos imensos espaços de terra roxa e da terra do arenito do Caiuá.

Vai daí que, quis a Assembléia Legislativa do Paraná, homenagear o jovem Walmor Macarini, pelo seu gesto de dirigir automóvel parado para puxar a impressão de um jornal que dava as costas à precariedade de toda ordem; vai daí, ter querido esta Assembléia Legislativa, homenagear este homem, por não ter visto obstáculo onde o senso de pioneirismo não pudesse estar presente, agir e remover!

Ninguém é impune ao novo, ainda mais quando tudo em roda é o novo que se vai fazendo; a picada, cortando a mata densa e, num passo seguinte, a avenida já se fazendo; a rua asfaltada surgindo no meio do campo onde, ainda ontem, era floresta!

Ninguém fica impune ao novo; somos, todos, marcados pela notícia do novo. Na minha família mesmo, dos Greca, que quebram pedras aqui nas encostas da serra, nós temos um pioneiro de Londrina, que morreu na explosão de uma pedreira na abertura de uma clareira, chamava-se Domingos Greca, e não sei se a notícia de sua morte saiu na sua Folha, Walmor Macarini, no entanto, sabemos nós os paranaenses, como somos marcados pela idéia do novo; sabemos nós, os paranaenses, como este Estado é predisposto a, de repente e num repente, arrancar todos os anos, tudo o que a terra nos dá, meio sem vontade de deixar raízes, e precisamos resistir.

O instrumento para resistir, também é um jornal. Pois é, mas impõe-se que eu fale de tempos passados, impõe-se que eu fale do trabalho muito forte, do líder dos jornalistas, do jovem jornalista, que não se deixava abater, que recém deixara sua pequena Meleiro, no interior de Santa Catarina, seguindo a trilha pioneira do seu tio, João Milanez, que também já dirigida automóvel parado e carregara bobina de papel nas costas para fazer rodar a "Folha de Londrina" e ainda como sementeira de esperanças palmilhara searas e povoados, vendendo assinaturas de um jornal que logo se faria forte pelo valor do trabalho, pela idéia forte do trabalho.

Amanhecer os dezoito anos em terra nova no meio a tantos sotaques e a tanta vontade de realizar, deve ter forjado o caráter empreendedor desse homem que não se faria cafeicultor, nem político, nem médico, nem empresário e que também não

era bôia-fria, mas o nosso homenageado seria e é um pouco de cada um desses personagens ao longo dos trinta e dois anos seguintes e no tempo em que hoje vivemos, tão fundo é o seu mergulho na vontade de realizar.

Se o sangue italiano, este sangue que vem embalado nas ondas do "Vatenciero", do coro dos hebreus cativos da ópera "Nabuco", de Verdi; se o sangue italiano, herança dos avós que cruzaram o oceano, traz notícias de aspirações de liberdade da idéia de se construir o mundo pela força do trabalho, este sangue em contraste com o novo, faria o filho da saudosa Dona Adélia e do venerável seu Antônio, se moldar, à semelhança da terra roxa do Paraná, como um espírito destinado a receber forte e grande sementeira.

Terra roxa, chumbo de velhos linotipos e papel, eis aí o jornal. E tanta vontade de realizar e tanto esforço teriam recompensas quase diárias. Só quem já escreveu num jornal ou quem sentiu o amanhecer ao lado das máquinas que imprimem a novidade de cada dia, só quem tem o gosto da verdade, sabe da recompensa que é para quem escreve a idéia impressa, a novidade estapada, a notícia na mão e a notícia na rua, e Walmor Macarini, que é jornal e jornalista em uma mesma pessoa, viu se materializarem as reivindicações que dirigiam os pioneiros dos vários cantos do Paraná, e viu também que a história pelas suas mãos, na máquina de escrever, no linotipo, na redação, tantas vezes pelo calor, improvisada nas calçadas das pequenas ruas de Londrina, nos dois endereços primitivos da Folha, ele viu que a história se ia misturando à terra que o acolhera.

Calcada na pequena propriedade, a nova colonização fazia o sonho de milhares de trabalhadores rurais que em seus Estados de origem, nunca poderiam ter um pedaço de terra. E eles vieram: os da casa grande e os da senzala; e eles vieram: os do sul e os do outro lado do mar. E vieram todos; vieram buscar no Paraná o sonho da prosperidade e de trabalho, aqui, na fronteira nova. Os ingleses tiveram a sábia preocupação de dividir a terra em glebas menores, nem tão pequenas que não pudessem fazer a riqueza de seus novos donos, nem tão grandes que um ex-empregado rural não pudesse pagá-la, fiando-se nas safras futuras.

E eles vieram. Novos colonos traziam a tecnologia do café, e também essa vontade férrea dos pioneiros, de ter uma vida menos dura do que aquela que se leva como empregado na lavoura alheia. O café, é verdade, no auge do seu mercado, no auge do seu mercado aqui, viabilizava essas pequenas propriedades, e fazia de maneira tão eloquente, de maneira tão imediata que lo-

go o Norte ganhava vida própria por uma economia extremamente ativa nas mais de 50 cidades que surgiram entre o amanhecer e o pôr-do-sol, na alvorada do Paraná que hoje conhecemos.

São Paulo, sempre poderoso, exercia sobre a nova terra, uma influência bem maior que o sul paranaense, quer pela proximidade física, quer pelo impacto e pela proximidade cultural. Bento Munhoz da Rocha Netto, governador de saudosa memória, paranaense de todos nós, caro, teve a visão de perceber que precisava se integrar depressa ao Paraná. Não se podia deixar os pioneiros como Walmor Macarini tão à vontade para além dos cafezais, para acima das serras, porque senão acabávamos nós, os paranaenses, com a Capital na Ilha da Cotinga, e nós ilhados entre o Rio Iguaçu e o Oceano, e todo o resto se fragmentaria.

Traçaram-se os caminhos. Os governos passaram a agir com mais força. E a "Folha de Londrina" de todos os Deputados se fez a voz, a vez e o espelho. E Curitiba lia na "Folha de Londrina" as reivindicações da Terra Nova; e Curitiba lia na "Folha de Londrina" o hálito quente das searas e dos pioneiros.

Veio a idéia da Estrada do Cerne, que traria o café paranaense para o nosso Porto de Paranaguá, e que daria ao Interventor Manoel Ribas, de saudosa memória, idealizador e condutor de tamanha ousadia, o indefectível apelido de "Maneco Pacão", o "Derruba Árvores", o "Abre a Estrada". Era o início da integração com o Norte. Era o início do Sul e do Norte fazendo um só Paraná. É um processo que continua até os dias de hoje.

Muito não demorou e a demanda dos anos 60 exigiu uma nova ligação, mais uma vez fazendo o Palácio do Governo em Curitiba correr, porque corre a história.

Desta feita, tratores e máquinas modernas rasgaram a "Rodovia do Café", um caminho de asfalto mais curto e mais seguro, mas certamente ainda não é a estrada que merecemos e que sonhamos. O norte sedimentava-se. E a "Folha de Londrina", já sem que o seu editor precisasse dirigir automóvel parado, dava conta da transformação e, não raro, colhia a realização de obras que estimulava em memoráveis campanhas.

Por trás da máquina de escrever, o nosso Walmor Macarini que não quis plantar café nem virar político, plantava idéias e exigia respeito à Região, que, mesmo longe do poder decisório deste Planalto de Curitiba, dava ao Paraná a base econômica para o arranque definitivo em direção à modernidade.

O ciclo do café passaria, em parte pela indiscutível necessidade de se evitar a

monocultura, em parte pela miopia dos homens do Governo que, a custo de muitos tropeços na política cafeeira, enfraqueceria o potencial de uma das nossas principais riquezas, a que fora capaz de plantar cidades, de distribuir renda, a que havia povoado o Norte do Estado. Até hoje, um exemplo eloqüente de reforma agrária viável e de indiscutível qualidade de vida. O ciclo do café passaria, mas deixaria plantada uma sólida estrutura industrial e uma agropecuária fortíssima. Na quebra deste ciclo, em parte para se fugir à perversidade das geadas negras - porque circunstância não é destino -, em parte para se esquivar dos erros dos homens do governo, porque às vezes o destino é os palacianos se aterem só às circunstâncias e não criarem nada além, o Paraná colheria também dissabores sociais e frutos amargos destes dissabores sociais.

A hegemonia da pequena propriedade, deste Paraná em que eu nasci, há 30 anos passados, a hegemonia da pequena propriedade deste Paraná que o acolheu, Walmor Macarini, tão cantada no Norte do Estado, acabaria por se quebrar. E somada ao Estatuto da Terra, que acabaria com a figura do agregado das fazendolas de café, esta quebra faria surgir no Norte a figura do bóia-fria, que viaja em carroceria de caminhão, pela madrugada, para ir trabalhar na lavoura alheia.

Os anos 70 e 80 amanheceram assim mais duros em termos sociais, o horizonte tolhado, não mais só com tintas de alvorecer, mas também com o sabor de conta a pagar. Ainda que a economia da região se tenha consolidado definitivamente, o jornalista que hoje homenageamos, esta realidade não escapou. Ao contrário, lá se pôs o jornalista por detrás da máquina de escrever, despachando repórteres e fotógrafos para escrachar esta dura realidade. Mas o Norte, agora, já não é mais só café ou só lavoura, é uma economia complexa e uma realidade cultural efervescente. As cidades médias próximas uma das outras disputam uma economia mais ágil, porque mais nova, do que a deste Sul em que estamos e talvez mais justa, porque concebida à luz de maior equidade.

Ao nosso homenageado esta realidade já se delineava muito antes que pudéssemos prevê-la e assim tinha que ser. Ouvindo diariamente uma gama tão diversa de pessoas que participavam desta história de pioneirismo, lutando na trincheira da liberdade - pois um jornal sobretudo consiste em garantir a vez e a voz aos que pensam diferente, há que se proclamar isto neste tempo de poderosos tão poderosos, e neste tempo de tanta concentração de mídia só nas mãos dos que podem pagar.

Um jornal, consiste, sobretudo, em ga-

rantir a voz aos que pensam diferente. E Walmor Macarini pôde acumular a experiência para clamar pelas teclas de sua máquina por idéias a favor de sua região. Mas a região, sobretudo Londrina, não se pautaria apenas por este cooperativismo que lhe dá força e impulso, que nós aqui no Sul, tantas vezes invejamos. O jeito inglês ficaria, e o senso universal se aguçaria.

Vai daí, mais uma vez, o clamor libertário do jornalista se sobrepondo. Se o cheiro da terra continua a ser uma constante obrigatória nas manchetes da "Folha de Londrina", também a vanguarda, a novidade, lá tem notícia e vez.

Muito antes que São Paulo e o Brasil se acostumassem ao sucesso de Arrigo Barnabé, as páginas da "Folha" já se abriam para este jovem que cantava diferente e compunha longe dos padrões rígidos até então conhecidos. E Domingos Pelegrini, hoje um dos mais consagrados e respeitados contistas brasileiros, ele deitava pena em belíssimas reportagens, primor de crônicas, lições das novidades do Norte e da terra do Norte, lições recheadas do universal. Porque aqui cabe a lição de Tolstoy: "Só é universal quem canta a sua aldeia". Só seremos cada vez menos provincianos e mais universais quanto mais competentes formos, os paranaenses, os do norte, do sul, os do leste e do oeste, para cantarmos as nossas aldeias. A escola de jornalismo, a postura sempre aberta de Walmor Macarini, permitia florescer na "Folha" a vanguarda; a vanguarda e a liberdade. E a "Folha" que forjava os jornalistas, os exportava. Domingos Pelegrini, os irmãos Arruda, Nilson Monteiro, Hélio Teixeira e tantos outros que hoje dirigem importantes redações.

É preciso ter grandeza para repetir o ensinamento aos novos valores que chegam à uma redação de jornal sabendo, de antemão, que um dia brilharão em outras páginas. Mas, é preciso sobretudo ter amor à liberdade. Ter disposição de buscar, não importa à custa de quanto sacrifício, a informação que será passada a custo mínimo de um exemplar de um jornal, a quantos dela se queiram servir. Amor à liberdade, meu caríssimo Walmor, esta é a luta diária de permitir troca desinteressada de idéias, de informações, estas que há quase meio século correm de boca em boca nas fazendas, searas, pelas lavouras de São Paulo, Minas, Bahia e do Paraná. As mesmas idéias de liberdade generosa que semearam no Paraná uma realidade tão rica e tão promissora a partir dos ventos quentes que sopraram do Norte.

Honrado que fui, pelo digníssimo Líder do meu Partido, Deputado Antônio Belinati, para saudar o nosso homenageado, quero me permitir, meu caro Walmor, uma última re-

flexão, com a licença, é claro, do auditório. Há que indagar se a experiência vivenciada pelo Norte do Paraná não poderia servir de referencial neste grave momento da nossa brasilidade. Quero imaginar se a vastidão deste País que um dia nasce com a face da esperança e no outro amanhece com um jeito de guerra civil, não está carente de idéias e projetos, como aqueles que moveram as mãos, as mãos dos semeadores, a criatividade de um Walmor Macarini no Norte do nosso Paraná. Projetos viáveis, porque assentados no trabalho duro, sem paternalismo, mas baseados num ideal de solidariedade equidade.

Quero refletir sobre o que anda a faltar neste Brasil, cujo projeto se desenha no excelso império do Congresso Nacional Constituinte, tantas vezes indecifrável para a realidade sofrida do povo. O que anda a faltar neste Brasil que, a cada dia, aprofunda o fosso entre os que tem demais e os que vão sendo empurrados para a miséria absoluta. Não estaríamos nós esquecendo a generosidade da semente e trocando a generosidade das mãos que se abrem para semear pelo punho fechado, à direita ou à esquerda dos que se encastelam no próprio egoísmo? Sem solidariedade? Não estaríamos nós trocando a mão dos semeadores pelo punho fechado, de direita ou de esquerda, que não é capaz de pegar a enxada, nem de abrir a picada, nem de anunciar o amanhecer por que pensa como outros já pensaram; porque pensa pelo figurino que outros já materializaram?

Eis aí, Senhores Deputados, eis aí, Paraná, a grande lição que vem do hálito quente da terra do Norte, na pena tinta de terra roxa deste jornalista que hoje acolhemos, pioneiro que reconhecemos, a idéia generosa da semente.

Quis a bondade do Líder de minha Bancada que fosse eu, curitibano, a saudá-lo, Walmor Macarini. Talvez porque nós, paranaenses, devamos dar ao Brasil esta lição generosa de abertura dos corações e das mentes para dar ao povo a esperança certa no dia de amanhã.

Fundem-se hoje, no meu discurso e na sua homenagem, a idéia de separação deste Paraná. Vem a idéia mais forte da união generosa e criativa, de mais estradas a nos integrarem, de mais comunicação a nos unir, da barranca de lama negra do Rio Itiberê, da barranca da Ilha da Cotin-ga se misturando com a barranca do Rio Paraná, da terra do arenito do Caiuá, ou com a barranca de terra roxa lá do Rio Tibagi, que um dia há de saciar Londrina, se os sonhos de Londrina forem ouvidos.

De repente fundem-se o Paraná dos planaltos frios e o Paraná do hálito quente, fundem-se os dois na mesma semente. Eis aí. Saíamos, pois, a deitar a boa semente.

No dia-a-dia de garantir a voz e a vez aos de opinião diferente, no dia-a-dia de desfaldar bandeiras generosas, libertárias e belas que mesmo na poeira vermelha ou negra dos dias atuais, possam ser nitidamente distinguidas, porque bandeiras do engenho humano e da liberdade do espírito do homem.

Era isso.

(Palmas).

O SR. PRESIDENTE (Anibal Khury) - Tenho a satisfação de conceder a palavra ao mais novo cidadão paranaense, jornalista Walmor Macarini.

O SR. WALMOR MACARINI - Senhor Secretário da Assembléia, Deputado Anibal Khury, neste ato representando a Presidência desta Casa, Senhor representante do Governador Álvaro Dias, Secretário Ascêncio Garcia Lopes, Senhor representante do Tribunal de Justiça, demais integrantes da Mesa, Senhores Deputados integrantes da Casa, especialmente ao Deputado Antônio Berlinati, autor da proposição para conceder-me este diploma. Antes de mais nada, muito obrigado. Muito obrigado ao Deputado Rafael Greca pelas amáveis palavras.

Os Senhores me fazem cidadão honorário do Paraná. Agora, eu preciso corresponder a este título, pois pouco importa o que eu fiz pelo Paraná até aqui, mas importará muito o que eu vá fazer doravante.

Entendo que o jornalismo tem função social e que se um jornal não puder servir à comunidade onde circula, não tem razão de existir e que a imprensa não pode ser apenas informativa, apenas caudatária dos acontecimentos, mas deve ser, em certos casos, o próprio agente da ação.

Deve assumir uma linha de vanguarda e conduzir o homem a conscientizar-se do seu papel como cidadão.

Porque o Brasil, esta Nação enferma, haverá de ser construído pelos brasileiros, se possível com o Governo, se não, apesar do Governo.

Penso numa imprensa que edifique o homem brasileiro e que o ajude a sair dessa situação desastrosa em que se encontra. Falo desses oitenta milhões de brasileiros que já perderam sua identidade como cidadãos, muitos dos quais nem acreditam que tenham direitos. Direito à habitação decente, alimentação sadia, direito à salário justo, à saúde, educação, ao lazer. Direitos às alegrias que a vida oferece, que são outorgados não por concessão do homem, não por concessão das minorias hoje com maior poder, mas são benefícios concedidos graças à providência divina. São direitos naturais do indivíduo.

Há um trecho bíblico que sempre cito e

que diz: "que a quem muito se concedeu, muito se pedirá".

Acho que a nós, imprensa, governantes, políticos, empresários, educadores, cientistas, todo o homem que detenha alguma forma de poder, a nós a natureza divina muito concedeu. Nós temos, portanto, uma responsabilidade social, muito mais que isso, uma dívida social, porque temos o poder de decidir ou pelo menos o poder de influir nas decisões. E sobre nós olham e esperam esses oitenta milhões que são os grandes esquecidos na Nação e paradoxalmente, os que mais trabalham.

O ideal seria que cada cidadão brasileiro fosse, ele próprio, o agente do processo de redenção nacional e há de vir mais dia menos dia. Mas, enquanto isso ainda não acontece nós temos o dever de ajudar esta Nação a levantar-se.

A minha formação profissional se estriba, primeiro nos ensinamentos que recebi da família, migrantes italianos que se implantaram no sul de Santa Catarina no início do século e cujos princípios fundamentais são os de que "o homem deve caminhar sobre as próprias pernas". Isto significando que não deve ficar em atitude contemplativa esperando que a chuva caia na sua roça ou que o governo decida o que devemos ou não devemos fazer.

Mas, se estriba, sobretudo, nos ensinamentos que recebi de João Milanez, aqui presente, meu tio, fundador, Diretor-Presidente da "Folha de Londrina", já Cidadão Honorário do Paraná, que me ensinou a enxergar com vistas largas, que me ensinou a arte da tolerância, me ensinou a ter respeito com as pessoas e com aqueles que nos lêem; que me ensinou este jeito muito seu de estar sempre desperto e pronto.

Mas, se estriba também nas lições que recebi de Nilson Rímoli, primeiro Diretor de Redação da "Folha de Londrina" que me ensinou a enxergar um pouco além dos horizontes da redação; que me ensinou que jornalismo é atender sobretudo ao mais fraco; que me ensinou a ficar com os ouvidos sempre atentos às vozes das multidões que murmuram e bradam lá fora.

Nilson Rímoli antes de tudo, um jornalista honesto e honrado.

Quero citar também João Rímoli, irmão de Wilson, patriarca dos jornalistas pioneiros da "Folha de Londrina", meu guru, e guia espiritual, que me ensinou a entender o sentido da vida!

Mas, aprendi também com cada colega de trabalho, aprendi com meus irmãos e primos que vieram de Santa Catarina também, e hoje radicados em Londrina, e à testa da "Folha de Londrina", também. Aprendi, como ia dizendo com as pessoas do povo, como nós costumamos dizer, cada qual trazendo dentro de si todo um universo de idéias,

de crenças, de convicções e também de angústias, de frustrações.

Este título, portanto, não é só meu, é de todas estas pessoas. Ele é muito mais importante do que um pergaminho que eu irei afixar na minha sala e mostrar envaidecido às pessoas que entram, mas encerra todo um compromisso, não compromisso dos Senhores que me homenageiam, que ele me impõe a me dizer que a minha missão ainda não terminou e que há muito ainda por realizar!

Falar da história da "Folha de Londrina" é falar um pouco da história da própria cidade, é falar do meu Paraná e falar sobretudo de João Milanez. De maneira que as histórias da "Folha" deixo que as conte João Milanez, esta é uma atribuição dele, é um direito autoral de João Milanez. Ademais, ele o faz com muita graça, então que ele as conte nas ocasiões em que achar oportunas.

Quando cheguei a Londrina, e 1955, a cidade era pequena, Curitiba tinha o tamanho de Londrina de hoje, bem me lembro porque passei por aqui, a caminho do Norte e tomei o avião no Aeroporto Affonso Pena, eu estou dizendo isso porque contam que cheguei montado em lombo de burro, com um saco de farinha e um violão nas costas. O violão comprei depois, para afagar, como disse meu amigo Greca, para afagar um pouco as saudades da terra distante.

Cidades como Maringá, Cascavel, praticamente, não existiam; lembro-me que quando a gente queria se referir a um rincão perdido no Paraná, mencionava-se Umuarama que era um lugarejo de apenas oito casas.

O Norte do Paraná era uma imensa floresta de cafeeiros que cobriam um terço do Paraná, desde a fronteira do Estado de São Paulo até o miolo do Paraná. Estrada asfaltada não existia e os sistemas de comunicação eram precaríssimos. A região Norte era quase um sertão. Então, muitos perguntam como é que deu certo fazer um jornal numa região como esta, constituída em grande parte de aventureiros, muitos dos quais nem sabiam ler, outros eram estrangeiros, outros queriam distância de jornais, de fotografos, para não serem localizados. Acho que o segredo do sucesso da "Folha de Londrina" reside no fato que o jornal sempre falou e entendeu a linguagem dos pioneiros.

Desta civilização nova, que se implantou no Norte, o jornal aprendeu a saber o que esse povo queria e sobretudo aquilo que não queria. Outros jornais também chegaram na época, alguns querendo demolir com tudo, querendo execrar com o passado das pessoas, que pecado maior não tinham senão o de haverem chegado pobres e cheios de esperança! A "Folha de Londrina", ao contrário, resolveu exaltar o trabalho e

as virtudes destas pessoas, que tão ruins não deveriam ser porque trabalhavam muito, porque o resultado do seu trabalho ia aparecendo muito rapidamente. Cidades como Londrina e outras tantas que floresceram no Norte, são o grande testemunho disso.

Então a Folha, João Milanez, Nilson Rímoli, ao invés de fazerem um jornalismo contra ou apesar dessas pessoas decidiram fazer um jornal com essas pessoas. Quem quis destruir, destruiu-se. A "Folha" não era necessariamente um jornal que badalava os poderosos. Era um jornal que exaltava o trabalho daquelas pessoas que estavam realizando, construindo, edificando e que estavam fazendo força.

Em verdade, é ainda assim hoje a nossa linha política editorial. Uma coisa é típica do Norte do Paraná, apesar de suas histórias, lendas, de coisas mundanas como a de haver tido em Londrina a mais famosa zona de meretrício do Brasil, foi sempre uma região de muito trabalho.

No Norte do Paraná se trabalhou e ainda se trabalha muito. No Norte paranaense, o homem pode ter sido um aventureiro, mas nunca foi desonesto, porque ele jamais abandonou o local, ou abandonou a terra; ele sempre permaneceu junto. E aqueles que debandaram por razões escusas, foram realmente muito poucos.

E eu, Cidadão Honorário do Paraná, onde é que entro nessa história? Bem, estive sempre por perto de João Milanez e isto explica tudo. Eu me incorporei ao meio, transformei-me num produto do meio ou em resultante. Aprendi a dançar conforme o ritmo, com a diferença de que eu era quem trabalhava mais. Tem aquela história do homem que andava com a carriola sempre de boca para baixo e perguntaram por quê? Então ele disse, que se virasse de boca para cima, jogariam pedra dentro. Então, eu na "Folha de Londrina", sempre andei com a carriola de boca para cima.

Enquanto o João Milanez se ocupa mais com discurso filosófico, eu e os demais carregávamos as pedras. E é nesse processo que também entram trinta anos atrás, alguns, vinte e cinco anos, outros vinte anos atrás, também Ferdinando Milanez, Diretor do Jornal, atuando no Departamento Comercial; Walter Macarini, meu irmão, Diretor Comercial, o cérebro das finanças do jornal, Walmir Milanez, há dois anos atuando na Chefia de Redação, enquanto eu me ocupo da política editorial; Carlinhos Macarini, Diretor Administrativo, que põe a casa em ordem; Vidnei Macarini, hoje dirigindo as estações de rádio do grupo; Toninho Macarini, também Diretor, chefiando a sucursal da "Folha" aqui em Curitiba; Joelson Milanez, o nosso braço paranaense no Estado do Mato Grosso; Graça Milanez também atuando no jornalismo, todos paren-

tes de João Milanez; todos parentes entre si, oriundos de Santa Catarina, todos da mesma cidade. Duas famílias, em verdade uma só família, 50% Milanez, 50% Macarini. Esta foi uma decisão sábia que nós tomamos para que a briga entre nós fosse sempre parelha no que, nesta honorável sociedade, também se briga muito, é Milanez contra Macarini, é Macarini contra Milanez, Milanez contra Milanez, Macarini contra Macarini, mas, quando é preciso, a gente se une e enfrenta juntos as adversidades que vêm pela frente.

Quero agradecer aos bons amigos de Londrina que comparecem a esta Assembléia, aos amigos de Curitiba, aos colegas Jornalistas, aos professores da Universidade de Londrina que vejo aqui presentes, a prefeitos, empresários do Norte do Paraná, e de outras cidades, à minha mulher Jaci, a quem peço que se levante. (Aplausos), aos meus filhos, Vanessa, Vandrê, Vanusa, Vanja, também aqui presentes, a meu genro Carlos; agradecer aos companheiros de Londrina, da "Folha de Londrina", Eduardo Cordeiro que compareceu a esta Assembléia, com quase trinta anos de "Folha de Londrina", sempre no setor de Esportes; ao Edilson Leal, este brilhante jornalista que a Bahia nos enviou há quase vinte anos; Lia Mendonça, também aqui presente; bons amigos de Londrina que são tantos, sentados ali, boa parte deles, naquele recinto; ao Alexandre Rocha Filho, que tem mais anos de "Folha de Londrina" do que a própria existência do jornal. Acho que quando ele ouviu dizer que o jornal iria ser fundado, ele já estava esperando em frente, para ser admitido.

Quero agradecer às autoridades aqui presentes, aos Senhores Deputados que tanto me valorizam ao me concederem este título. Só peço a Deus que me dê humildade e que ilumine os meus caminhos.

E que me dê sabedoria!

(Aplausos).

O SR. PRESIDENTE (Anibal Khury)- Alegam alguns Senhores Deputados que esta cerimônia não seria perfeita, se nós não ouvíssemos a palavra do patriarca da família, o jornalista João Milanez.

(Aplausos).

O SR. JOÃO MILANEZ - Tenho que falar em pé, porque os italianos falam com as mãos, não é?

Caro presidente, Sua Excelência Deputado Anibal Khury, velho companheiro nosso, com quem de vez em quando a gente briga também, aí ele xinga a gente, nós o xingamos e passa tudo não é?

Caro Prefeito Requião, que é um jovem, está subindo aos céus, grande político! Colega - colega - não é coleguinha não, é

colega mesmo, com "C" maiúsculo!

Então só quero dizer, para não afirmar que não falo, Presidente, quero só dizer o meu muito obrigado, porque a mim parece que também estou recebendo o título de Cidadão Honorário!

Acho que o Walmor falou muito bem!

E vocês viram? Que feijoada tem que ter, que "rancho" grande para sustentar essa rapaziada toda, não é isso?

Então muito obrigado e um abraço a vocês!

(Aplausos).

O SR. PRESIDENTE (Anibal Khury) - A Mesa deseja se associar às homenagens aqui prestadas ao eminente Jornalista Walmor Macarini, e destacar em nosso mais recente Cidadão Honorário, as virtudes do trabalho e da persistência, que o fizeram merecedor da estima de todos os paranaenses e aproveita para simbolizar, no homenageado, a profunda admiração que tem pela nobre classe dos jornalistas, aos quais saúda pela passagem, amanhã, do dia consagrado à Imprensa.

Irmã gêmea do Parlamento no panteão da liberdade democrática, a imprensa representa uma das garantias fundamentais do sistema pluralista, de informação de opinião pública que vige entre os povos civilizados.

Ao jornalista Walmor Macarini, novo Cidadão Honorário desta terra que nos acolheu a todos, as homenagens da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná!

Há sobre a Mesa, um requerimento do Deputado José Domingos Scarpellini. (Lê):

"O Deputado que o presente subscreve, no uso de suas atribuições, Requer, seja concedido um minuto de silêncio, pelo trágico falecimento do Ministro da Reforma Agrária, Doutor Marcos Freire e sua comitiva, ocorrido na noite de ontem no aeroporto de Carajás, Estado do Pará".

A Mesa solicita que todos em pé prestem essa homenagem em silêncio.

(Um minuto de silêncio).

Esta Presidência quer em nome do Poder Legislativo agradecer a presença das altas autoridades, as Senhoras e Senhores, que tanto brilho deram a esta solenidade.

Solicito da mesma comissão anteriormente designada, que acompanhe o Excelentíssimo Senhor Ascêncio Garcia Lopes, Digníssimo representante do Governador do Estado e o Jornalista Walmor Macarini, durante a sua permanência no Palácio 19 de Dezembro.

Convido ainda, antes de encerrar a sessão, a ouvirmos o Hino do Estado do Paraná.

(É executado o Hino).